

velhos a “incapacidade” de produzir, estamos colocando-os fora da competição social.

Essa atitude não é ingênua nem inconsciente, pois tem um alvo e um sentido a ser alcançado: a exclusão de membros da sociedade. Todo ser humano tem direito ao convívio harmônico no meio que habita, mas existem, no cotidiano, demonstrações de abuso contra algumas minorias.

Há leis que considera crime o preconceito contra idosos, estrangeiros e etnias, mas o processo é complexo; quando se precisa tornar nítido o que pode ser colocado como atitude preconceituosa, existem diversas barreiras, tendo em vista que as ações dos agressores são diluídas pela sociedade com o uso de artifícios como frases feitas e ideias pré-concebidas pelo senso comum.

O preconceito é mais uma forma de manifestação humana, mas, como vemos no dia a dia, é tomado pela intolerância. Não é algo que nasceu no mundo contemporâneo. Segundo o historiador Jaime Pinsky¹, professor da Unicamp, há 25 séculos a sociedade ateniense tinha o preconceito enraizado em sua cultura. Supostamente vivendo em uma democracia perfeita, os atenienses tinham uma democracia direta, na qual todos participavam. Na prática, somente homens livres adultos tinham voz nas decisões públicas (p. 51).

Podemos observar, ao longo da história em diferentes grupos, o preconceito como gerador de hostilidade e exclusão. O desenvolvimento humano, que trouxe a certeza biológica dessa igualdade, não foi suficiente para levar à superação da atitude de intolerância ante as diferenças, o que levou, e leva, às desconfianças e suspeitas, geradoras de raiva e hostilidade, chegando ao extremo nas políticas de extermínio que, infelizmente, maculam nossa história.

Anna Veronica Mautner (2013, p. 59), psicanalista, argumenta:

Preconceito existe em qualquer lugar. É o conceito diante do desconhecido. Na linguagem da psicologia, diríamos que o preconceito funciona socialmente como mecanismo de defesa que tanto protege quanto pode nos paralisar. Mas, por incrível que pareça, não dá para dispensá-lo.

De acordo com Cortella, filósofo, a chave da questão é encontrar um meio de respeitar as igualdades junto com as diferenças. “Preconceito é sempre uma questão por referência”, afirma ele. Como ainda não foi criado um conjunto de princípios de conduta que seja universal - o mais próximo disso é a Declaração Universal dos Direitos Humanos -, o preconceito sempre será por referência.

¹ A opinião do historiador, professor Jaime Pinsky, bem como as declarações (a seguir) do sociólogo Adorno, do psicólogo Allport, da psicanalista Anna Veronica Mautner, do filósofo Sergio Cortella, do professor de Direito Penal e Criminologia Carlos Roberto Bacila, foram extraídos da *Revista Cultura*, publicação temática: *O preconceito nosso de cada dia* (2013).

Portanto, “podemos sempre dizer eu não aceito aquilo que é feito em algumas sociedades” (2013, p. 55).

Carlos Roberto Bacila, professor de Direito Penal e Criminologia, tem como opinião que:

determinadas atitudes estão tão arraigadas em nossa sociedade que não são percebidas como preconceito. Em muitos casos, as pessoas praticam, são envolvidas por isso, e não se dão conta. A maioria desses casos acontece de forma imperceptível por elas. Pode nem ser por mal, mas as pessoas são influenciadas por eles (...) Para vencer o preconceito, você tem que entender primeiro por que houve preconceito, porque ele não tem base racional. E entender que o exercício desse preconceito gera prejuízo para todo mundo: ao discriminado, a quem discrimina, à sociedade em geral. (2013, p. 53)

O preconceito diluído na sociedade é o mais difícil de ser aceito como tal, não aparece com clareza e é mais complexo. Pode ter suas origens nas tentativas feitas diariamente pelas pessoas para se conformarem – a chamada conformidade social: querer pertencer ao grupo e por isso aceitar sem questionar as opiniões vigentes no meio.

Os grupos também são estimulados a aceitarem sem questionar os estereótipos como sendo verdades; mas estereótipos são generalizações ou pressupostos, que as pessoas criam sobre as características ou comportamentos de grupos sociais específicos ou tipos de indivíduos; geralmente impostas, essas generalizações são baseadas nas características externas (cabelo, olhos, pele, roupas, condição financeira, comportamento, cultura, sexualidade).

A solução pode estar na educação, voltada para a sensibilização em relação às diferenças individuais e coletivas, uma educação para os direitos humanos.

Uma mudança social é feita a partir de necessidades, elas são lentas e, conforme a história mostra, levam-se gerações para ver os resultados; mas não são impossíveis. O primeiro passo é não ter medo de levantar as questões sem hipocrisia, tirar as máscaras sociais e então reverem seus conceitos.

Educar no sentido mais amplo da palavra, para descobrir na interação com o outro a oportunidade de crescimento, entendimento mútuo. O ser humano sabe que existe porque, ao nascer, outro ser humano validou sua existência. Continuar essa interação seria o mais sábio a se fazer, apreciar as diferenças como um meio de aprendizagem e crescimento pessoal, e assim, garantir que podemos ser diferentes, mas não melhores ou piores que o outro. Precisamos amar o diferente, ele me faz mudar, e mudança sempre leva a transformação, sem ela o mundo estagna e padece.

Os seres humanos, nas suas desigualdades, se complementam. Isso deveria ser motivo de júbilo, não de horrores que mancham a história da humanidade, como o holocausto, a guerra religiosa e a escravidão.

A velhice no Brasil é permeada por crenças, mitos, preconceitos, estereótipos e atitudes negativas em relação ao idoso e sua condição, o componente essencial para um indivíduo alcançar a integridade é a aceitação de si, de seu ciclo de vida como uma realidade única e inevitável, descobrindo uma ordem e uma significação da totalidade de sua vida individual.

Quando nos conscientizarmos que nascemos, crescemos, amadurecemos e morremos, olhar o idoso deveria gerar um sentimento de tranquilidade, similar a observar o crescimento de uma criança. O velho não precisa ser símbolo de algo que logo morrerá, pois uma vida de um minuto pode morrer, mudar paradigma não é impossível basta começar por nós.

A psicogerontologia contribui ao trazer questões antes ignoradas pela sociedade, fazendo perguntas, nem sempre encontrando respostas. Se antes perguntávamos o que você vai ser quando crescer, agora vamos perguntar o que você vai ser quando envelhecer, sim, terá mais 30 anos pela frente!

Não traz novidades, pois ser velho é um fato, preconceito também, o novo é mudar o olhar, ressignificar uma forma de a sociedade lidar com as questões do envelhecimento. E pode ser uma forma construtiva de estar no mundo, não estamos negando o lado negativo do envelhecimento, o corpo fala de toda uma vida vivida, mas o lado positivo existe e é nele que devemos focar: a doença já tem espaço de estudo no envelhecimento. Isso é quebrar paradigmas.

Referências

ARCURI, I.G.; CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.F. *Velhice envelhecimento complex(idade) – aspectos psicológicos*. São Paulo: Editora Vetor; 2005.

DUARTE, M. O preconceito nosso de cada dia. *Revista da Cultura*, edição 74, setembro de 2013.

Data de recebimento: 21/3/2014; Data de aceite: 27/4/2014.

Ivana Mercia Carvalho Oliveira - Psicóloga (FMU), Psicopedagoga pela Faculdade de Filosofia de Macaé (FAFIMA). Atualmente faz atendimento *Home Care*. Cursando Psicogerontologia (Unip). Email: ivanamercia@bol.com.br